

JORNAL DA TARDE

## A tentativa de golpe *ANC* dos xiitas e dos canastrões

Às vésperas de completar seu primeiro mês de funcionamento, a Constituinte mais parece uma imensa assembléia estudantil, com a maioria de seus integrantes retalhando-se entre si por questões regimentais e problemas irrelevantes, do que um foro legislativo de alto nível, consciente da importância de sua missão. Se nesses 30 dias os constituintes não conseguiram sequer chegar ao fim do jogo preliminar, que é o da redação de um simples regimento interno destinado a balizar seus trabalhos, que poderá ocorrer quando tiverem de disputar o jogo principal, que é o da elaboração da própria Constituição?

A verdade é que desde o primeiro dia de trabalho, com os parlamentares radicais do PMDB, do PT, do PDT, do PCB e do PC do B procurando desesperadamente liquidar com as instituições políticas vigentes, a pretexto de defender o caráter "soberano" e "exclusivo" da Assembléia, até o choque frontal entre os dois partidos que compõem a Aliança Democrática, por causa da tentativa da agremiação majoritária de transformar a redação da Carta Magna em privilégio exclusivo seu, nada garante que a razão, o bom senso e a prudência conseguirão prevalecer sobre a demagogia, sobre a retórica provinciana e sobre as bravatas tanto no plenário quanto nos corredores do Congresso Nacional.

Afinal, não são apenas os xiitas do PMDB que desejam tumultuar o processo de consolidação democrática. Como os parlamentares radicais de todos os partidos de tendência totalitária formam, quando muito, um grupo bastante minoritário no âmbito da Constituinte, esse pessoal dificilmente teria condições de agir com tanta audácia e desembaraço caso as velhas raposas, cuja obsessão permanente é a conquista do poder para desfrutá-lo em toda sua plenitude, não lhes dessem espaço. Preocupados em chegar a qualquer preço ao Palácio do Planalto, esses vetustos políticos não têm hesitado em estimular um jogo rasteiro e maquiavélico, utilizando ingênuos deputados de primeira legislatura para a defesa apaixonada e mesmo racional de um projeto de regimento interno que, se aprovado, permitirá à Constituinte alterar a Constituição vigente por meio de maioria simples.

A finalidade desse projeto é bastante clara: a pretexto de impedir que as medidas de emergência da atual Carta Magna venham a ser utilizadas pelo Executivo para pressionar ou constranger a Assembléia Constituinte, o que seus idealizadores pretendem é suprimir toda a autonomia do Palácio do Planalto, instalando assim o Governo da Assembléia, à moda da Revolução Francesa, com o presidente da República revivendo o papel de Luís XVI, como prisioneiro dos constituintes até que estes decidam a hora de decapitá-lo. E o grande beneficiário desse verdadeiro golpe de Estado, na medida em que subverte por completo as instituições, liquidando quer com o equilíbrio entre os poderes quer com as garantias individuais, seria o deputado Ulysses Guimarães.

Eterno aspirante à Presidência da República e atormentado pelo risco de não concretizar seus sonhos em razão de sua idade avançada, ele tornou-se o patrono do grupo "pró-soberania", responsável pela apresentação dessa absurda proposta de regimento interno que transforma o presidente da República num refém da Assembléia Constituinte. Por trás das encenações retóricas, dos argumentos maniqueístas e das bravatas desse grupo se esconde, na realidade, o inconfessado desejo do presidente do PMDB, da Câmara dos Deputados e da Assembléia Constituinte de se converter no chefe supremo do País — o que explica o empenho de seu exército de xiitas em aposar-se do regimento interno da Constituinte para, impondo-se citatorialmente sobre os partidos não-esquerdistas, conquistar o direito de alterar a ordem constitucional vigente segundo as conveniências pessoais de um político obcecado pelo poder absoluto e quase imperial.

São os comportamentos como o do deputado Ulysses Guimarães que fazem de Brasília a própria "capital da alienação", como observou com muita oportunidade o deputado Guilherme Afif Domingos. Para ele, enquanto o Brasil real está vivendo a mais profunda crise econômica dos últimos tempos, correndo o sério risco de uma imploração total de seu sistema produtivo, o Brasil formal continua profundamente mergulhado num mundo de fantasias, de batalhas regimentais e de hipocrisia em matéria de política econômica. Nesse imenso teatro do absurdo, que é o Distrito Federal nos dias de hoje, o presidente da Constituinte com seu séquito e o presidente da República acolitado por seu patético ministro da Fazenda travam um duelo pessoal, no qual vale tudo, até mesmo — o que parece inacreditável — o jogo temerário com o sistema financeiro internacional.

O desafio da reorganização constitucional transformou-se, assim, num happening político de gigantescas proporções — e com desdobramentos que poderão até mesmo pôr a perder todo o avanço democrático arduamente conquistado ao longo destes últimos dois anos. A grande tragédia disso que deveria ser um processo de aperfeiçoamento institucional está na absoluta escassez de lideranças dotadas de verdadeiro espírito público, desprendimento e civismo. Em vez de estadistas preparados para conduzir o País a um estágio de maturidade política, a Nova República infelizmente se encontra minada por raposas, aventureiros, carreiristas, canastrões — todos interessados apenas na satisfação de suas vaidades e ambições pessoais.

A esta altura, com a justaposição da crise econômica e da crise política, já que o duelo pessoal entre o presidente da República e o presidente da Constituinte vem envolvendo e influenciando seriamente o comportamento do governo diante de nossos credores externos, não há espírito de carnaval capaz de relaxar quem tem um mínimo de consciência sobre os desdobramentos possíveis das dificuldades hoje vividas pelo País. Diante dessa batalha pessoal entre dois políticos profissionais, e de suas conseqüências nefastas para a consolidação democrática e para a estabilização econômica, é preciso ser um autêntico Pangloss para se conseguir conciliar o sono à noite.